

## Aperta a concorrência dos importados

**Sérgio Lamucci**

De São Paulo

Setores intensivos em mão de obra e de maior tecnologia embutida são os mais afetados pela concorrência dos importados. No setor têxtil, a parcela importada passou de 8,2% para 21,5% do quarto trimestre de 2005 para a média de setembro, outubro e novembro de 2010.

No segmento de máquinas e equipamentos, ela aumentou de 22% para 36,1%; e no de material eletrônico e equipamentos de comunicação, de 36,7% para 55,2% no mesmo espaço de tempo.

Calculados pela LCA Consultores, os números mostram o avanço forte dos importados em determinados setores, como resultado da valorização do câmbio e aceleração da demanda. **Página A3**

**Indústria** Duas pontas da produção são candidatas às medidas de apoio

# Importação afeta setor rico em trabalho e em tecnologia

**Sergio Lamucci**  
De São Paulo

A indústria brasileira perdeu competitividade em relação aos produtos estrangeiros especialmente nos setores mais intensivos em mão de obra, como têxtil e calçados, e nos de maior intensidade tecnológica, como máquinas e equipamentos, máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e material eletrônico e equipamentos de comunicações. Com a forte valorização do câmbio e a aceleração da demanda, as compras externas aumentaram muito nos últimos anos, elevando a fatia dos importados no consumo doméstico total de bens industriais de 12,6% no quarto trimestre de 2005 para 21,4% na média de setembro, outubro e novembro de 2010.

No setor têxtil, a parcela importada passou de 8,2% para 21,5% no período, enquanto no segmento de máquinas e equipamentos ela pulou de 22% do fim de 2005 para 36,1%. No setor de material eletrônico e equipamentos de comunicação, a fatia de produtos estran-

geiros atingiu 55,2% na média dos três até novembro, bem acima dos 36,7% do quarto trimestre de 2005. Calculados pela LCA Consultores, os números mostram um avanço mais forte da participação dos importados a partir de 2006.

Nesse quadro, esses setores aparecem como os prováveis candidatos a se beneficiarem das políticas de desoneração tributária a serem adotadas pelo governo. Ao tomar posse, na semana passada, o ministro do Desenvolvimento, Fernando Pimentel, acenou com medidas para favorecer os segmentos que sofrem com o real forte.

Segmentos da indústria com pesada folha de pagamentos têm sofrido muito com a competição da China, que se beneficia do câmbio desvalorizado e de uma mão de obra extremamente barata, observa o economista Douglas Uemura, da LCA. De janeiro a novembro de 2010, o volume importado de produtos têxteis aumentou 47,7% sobre o mesmo período de 2009, segundo números da Fundação Centro de Estudos de Comércio Exterior (Funcex). Nesse intervalo, a produção local desses bens subiu 5%. No caso do setor de calçados e

artigos de couro, as compras externas subiram 18,8%, muito acima dos 8,5% da produção.

Para Uemura, um câmbio mais desvalorizado e desonerações tributárias, como a redução dos encargos sobre a folha de salários, dariam alguma ajuda a esses setores, mas há uma dificuldade estrutural em competir com o custo da mão de obra e a escala de produção da China, com exceção de nichos de maior valor agregado.

O economista Silvio Sales, consultor da Fundação Getúlio Vargas (FGV), lembra que nesses segmentos, já em situação mais frágil em termos de competitividade, ocorre um aumento forte das importações em momentos de aceleração da demanda, ainda que a produção doméstica também cresça. O resultado é o aumento da fatia dos importados no consumo interno.

A situação é preocupante nos segmentos de maior intensidade tecnológica. De janeiro a novembro de 2010, as compras externas de material eletrônico e equipamentos de comunicação aumentaram 43% sobre o mesmo período de 2009, enquanto a produção lo-

cal cresceu 5,1%. Para Sales, esse movimento se deve ao câmbio valorizado, mas também ao fato de que hoje o Brasil cresce a um ritmo bem mais forte que o da média da economia global. Com isso, os produtores estrangeiros buscam o mercado brasileiro de modo agressivo, com preços atraentes.

Para Sales, o ideal é que o governo adote medidas que beneficiem todos os setores, em vez de conceder desonerações tributárias para alguns segmentos específicos. Baixar os encargos da folha de salários indistintamente seria positivo, embora haja o problema de renunciar a receitas num momento de situação fiscal delicada.

O professor David Kupfer, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), diz que as medidas a serem adotadas pelo governo serão "tão mais extensas quanto menos efeito tiverem as ações do governo para conter a valorização do câmbio". Para ele, pode ser o caso de se usarem medidas de proteção a segmentos que sofrem mais com a concorrência dos importados, como a implementação de regimes especiais tarifários, desde que

sejam temporários e incluam programas de reestruturação setorial, com definição de metas e contrapartidas claras. "Também é fundamental o Brasil usar mais os instrumentos de defesa comercial", diz ele, referindo-se a ações no âmbito da Organização Mundial de Comércio (OMC).

Uemura acredita que fatores mais estruturais têm afetado a competitividade dos produtos brasileiros. No Brasil, diz ele, não há tradição de inovação e existe carência de mão de obra qualificada, dada a educação de baixa qualidade. Um câmbio mais desvalorizado e desonerações tributárias ajudam as empresas, mas sem a resolução desses problemas de fundo a indústria brasileira de maior intensidade tecnológica tende a continuar a perder espaço para os produtos importados, acredita ele.

# Real forte e demanda global fraca reduzem fatia exportada da produção

De São Paulo

A parcela da produção doméstica destinada à exportação recuou nos últimos anos, um outro reflexo da perda de competitividade da indústria. Além do real forte, o menor crescimento da economia global devido à crise ajuda a explicar o movimento mais recente. Na indústria geral, a parcela da produção voltada ao mercado externo ficou em 11,9% na média de setembro, outubro e novembro de 2010, abaixo dos 13,8% do quarto trimestre de 2005.

Houve uma queda considerável na fatia exportada de setores como máquinas e equipamentos, veícu-

los automotores e de calçados e artigos de couro. O economista Silvio Sales, consultor da Fundação Getúlio Vargas (FGV), nota que o câmbio valorizado encarece os produtos manufaturados brasileiros num momento em que a concorrência externa está muito acirrada. A parcela da produção de máquinas e equipamentos destinada ao mercado externo, de 15,1% no fim de 2005, ficou em 9,7% na média dos três meses encerrados em novembro. A de veículos automotores recuou de 15,5% para 8,8% no período.

“As exportações em 2010 bateram recorde e superaram US\$ 200 bilhões, mas principalmente devi-

do às commodities, e não aos manufaturados”, observa Sales. Em calçados, a fatia exportada na média de setembro a novembro ficou em 18,4%, abaixo dos 22,2% do quarto trimestre de 2005.

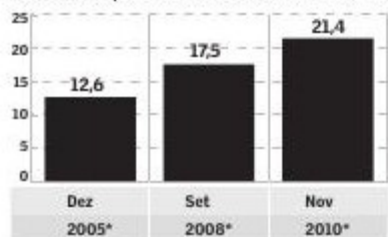
O economista Douglas Uemura, da LCA Consultores, diz que a força da demanda interna também tem peso na redução da parcela exportada da produção. Num ano em que as vendas no varejo crescem a taxas superiores a dois dígitos, muitas empresas destinam uma parte maior do que fabricam ao mercado doméstico, ainda mais num cenário em que a demanda global é fraca e a rentabilidade das exportações é baixa. (SL)

# Perda de competitividade

A participação dos importados no consumo interno de bens industriais e a parcela da produção destinada à exportação — em %

## ■ Indústria geral

Fatia de importados no consumo interno

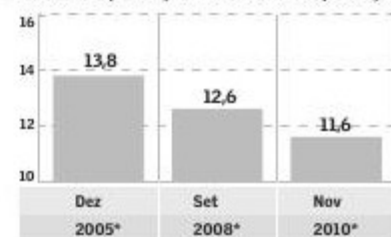


De janeiro a novembro de 2010, o volume importado total aumentou **40,3%** sobre o mesmo período de 2009

No setor de máquinas e equipamentos, as importações tiveram alta de **51,7%** no acumulado de 2010 até novembro

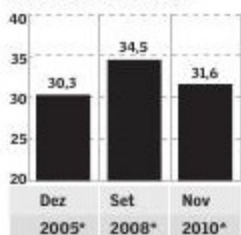
## ■ Indústria geral

Parcela da produção destinada à exportação

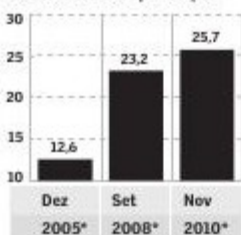


## ■ Petróleo e carvão

Fatia de importados no consumo interno

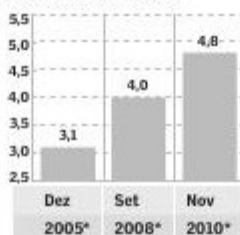


Parcela da produção destinada à exportação

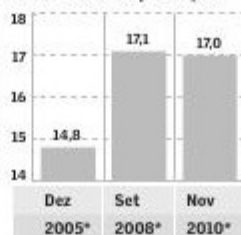


## ■ Alimentos, bebidas e fumo

Fatia de importados no consumo interno

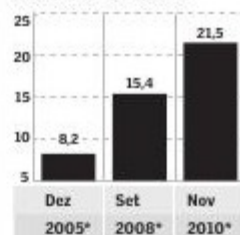


Parcela da produção destinada à exportação

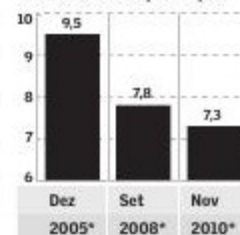


## ■ Têxtil

Fatia de importados no consumo interno



Parcela da produção destinada à exportação

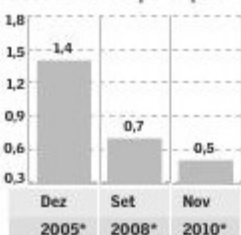


## ■ Vestuário e acessórios

Fatia de importados no consumo interno

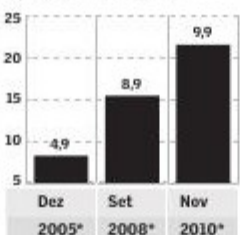


Parcela da produção destinada à exportação

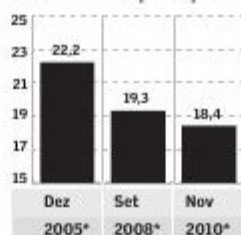


## ■ Calçados e artigos de couro

Fatia de importados no consumo interno

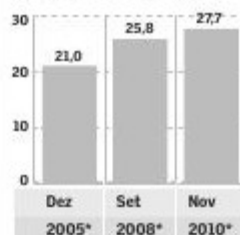


Parcela da produção destinada à exportação

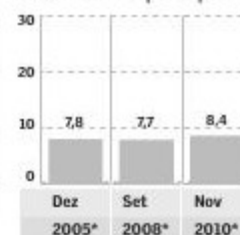


## ■ Produtos químicos

Fatia de importados no consumo interno

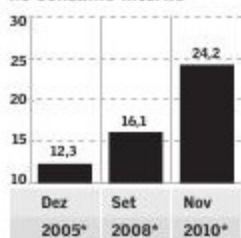


Parcela da produção destinada à exportação

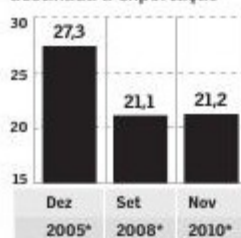


## ■ Metalurgia básica

Fatia de importados no consumo interno

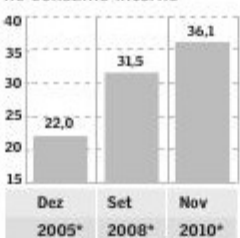


Parcela da produção destinada à exportação

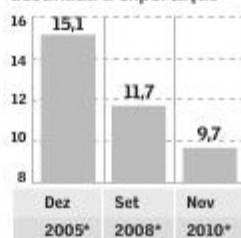


## ■ Máquinas e equipamentos

Fatia de importados no consumo interno

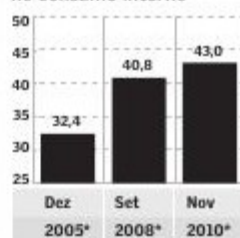


Parcela da produção destinada à exportação

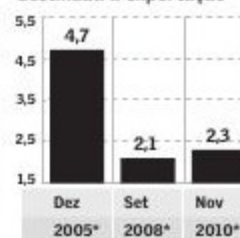


## ■ Máq. para escritório e equip. de informática

Fatia de importados no consumo interno

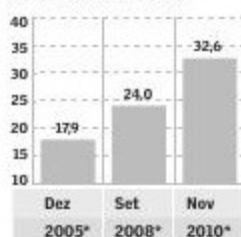


Parcela da produção destinada à exportação

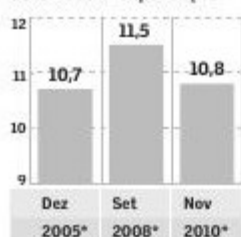


## ■ Máquinas, aparelhos e materiais elétricos

Fatia de importados no consumo interno

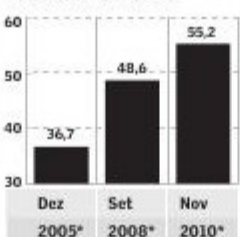


Parcela da produção destinada à exportação

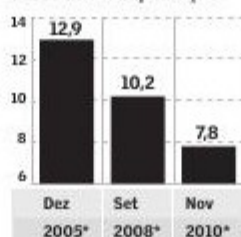


## ■ Mat. eletrônico, aparelhos e equip. de comunicação

Fatia de importados no consumo interno

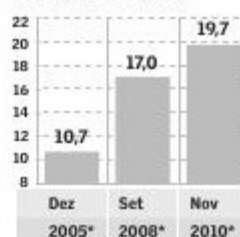


Parcela da produção destinada à exportação



## ■ Veículos automotores

Fatia de importados no consumo interno



Parcela da produção destinada à exportação

